



## The profile of early childhood education teachers in Cândido Sales – BA

### O perfil das professoras da educação infantil em Cândido Sales - BA

### El perfil de las docentes de educación infantil en Cândido Sales - BA

Kelliane de Jesus Nascimento<sup>1</sup> , Claudio Pinto Nunes<sup>1</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

#### **Autor correspondente:**

Kelliane de Jesus Nascimento

E-mail: [kellianeadmascimento@gmail.com](mailto:kellianeadmascimento@gmail.com)

**Como citar:** Nascimento, K. J. & Nunes, C. P. (2023). O perfil das professoras da educação infantil em Cândido Sales – BA. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 4(1), e13589.  
<http://dx.doi.org/10.20952/jrks4117147>

#### **ABSTRACT**

This text is part of a broader research on quality of life in teaching work in early childhood education and aims to present the profile of teachers who work at this educational level in the municipality of Cândido Sales – BA. This is an empirical research carried out through semi-structured interviews with effective teachers who work at the Creche and Municipal School of Cândido Sales – BA. The research showed that characteristics culturally attributed to women influence and still determine the profile of professionals who work in early childhood education. Understanding the profile of those who work in early childhood education means understanding how gender relations cross this space.

**Keywords:** Child education; Gender relations; Teaching work.

#### **RESUMO**

O presente texto se insere em uma pesquisa mais ampla sobre qualidade de vida no trabalho docente na educação infantil e tem como objetivo apresentar o perfil das professoras que atuam nesse nível educacional no município de Cândido Sales – BA. Trata-se de uma pesquisa empírica realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com professoras efetivas que trabalham na Creche e Escola municipal de Cândido Sales – BA. A pesquisa evidenciou que características culturalmente atribuídas as mulheres influenciam e ainda hoje determina o perfil dos/das profissionais que atuam na educação infantil. Compreender o perfil de quem trabalha na educação infantil é entender de que forma as relações de gênero atravessam esse espaço.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Relações de Gênero; Trabalho Docente.

## RESUMEN

Este texto é parte de uma investigação más amplia sobre la calidad de vida en el trabajo docente en educación infantil y tiene como objetivo presentar el perfil de las docentes que actúan en este nivel educativo en el municipio de Cândido Sales – BA. Se trata de una investigación empírica realizada a través de entrevistas semiestructuradas con docentes eficaces que actúan en la Guardería y Escuela Municipal de Cândido Sales – BA. La investigación demostró que las características culturalmente atribuidas a las mujeres influyen y aún determinan el perfil de los profesionales que actúan en la educación infantil. Comprender el perfil de quienes trabajan en educación infantil significa comprender cómo las relaciones de género atraviesan este espacio. **Palabras clave:** Educación infantil; Relaciones de género; Trabajo docente.

## INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, ao longo da história, é marcada por um campo de luta e reivindicações até o alcance do reconhecimento dos direitos das crianças e o dever do estado para com elas. Entre os profissionais da educação, há uma predominância de mulheres, principalmente na educação infantil. Segundo dados do Censo Escolar da Educação Básica 2022, 96,3% dos/as docentes da Educação Infantil no Brasil são mulheres (Brasil, 2023). A predominância feminina nesse espaço ocorre, principalmente, devido às características da profissão que culturalmente são atribuídas às mulheres, como a sensibilidade, o afeto e o cuidado (Camelô et al., 2015).

A predominância feminina no magistério evidencia os processos de feminilização e feminização da profissão docente. De acordo com Yannoulas (2013) a feminilização diz respeito ao aumento da participação feminina em uma determinada profissão ou ocupação (aspecto quantitativo). Já a feminização trata das mudanças ocorridas nos espaços com ampla presença feminina (aspecto qualitativo). A acentuada atuação das mulheres em espaços de trabalho tende a diminuir as remunerações, as qualificações profissionais e o prestígio social da profissão, bem como a atividade desempenhada passa a ser compreendida como uma extensão da função privada de reprodução social na esfera pública (Yannoulas, 2013).

No trabalho docente, segundo Hypolito (2020) a feminização se deu em função do processo de industrialização no Brasil, a partir do qual houve a necessidade de expansão do ensino, com maior demanda de professores/as, bem como a saída dos homens do magistério em busca de profissões mais rentáveis, uma vez que com a expansão do ensino, não mais era possível manter os mesmos parâmetros da profissão. O trabalho docente tornou-se então um campo propício para a atuação das mulheres, já que as características tidas como femininas se adequavam à profissão, como: a proximidade do magistério com as atividades exigidas para a função de mãe, as habilidades de cuidado e a possibilidade de conciliar o trabalho na escola com o trabalho doméstico.

Nesse contexto, observa-se que o trabalho docente na educação infantil é marcado por características que permeiam as relações de gênero. Assim, o presente artigo trata de um recorte da pesquisa de mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB), intitulada: Qualidade de Vida no Trabalho de Professoras da Educação Infantil em Cândido Sales – BA. E tem como objetivo apresentar o perfil das professoras da educação infantil no município de Cândido Sales – Ba. Compreender o perfil das professoras é importante para a compreensão do desenvolvimento das atividades e da qualidade do trabalho prestado.

Para tanto, este estudo está organizado em quatro seções. A primeira, trata dessa introdução que apresenta o texto. A segunda, versa sobre os procedimentos metodológicos adotados para a realização do estudo. A terceira, discorre sobre a análise dos dados. A quarta e última apresenta as considerações finais a respeito do estudo.

## **METODOLOGIA**

---

Para a elaboração desse estudo, foi desenvolvida uma pesquisa empírica com professoras que fazem parte do quadro efetivo/estatutário e atuam na Escola e Creche municipal de Cândido Sales – Ba. O estudo baseou-se no Materialismo Histórico Dialético (MHD), visto que a análise do perfil das professoras se dá para além do aparente, buscando compreender a essência do fenômeno por meio da identificação das contradições que constituem este perfil de profissionais da educação infantil.

Enquanto instrumento de coleta de dados, neste estudo, adotou-se a entrevista semiestruturada, que se dá por meio de um roteiro previamente estabelecido em função dos objetivos a serem alcançados, mas com flexibilidade para que o entrevistador realize adaptações e o entrevistado se sinta livre para discorrer sobre o tema da entrevista (Gerhardt et al., 2009).

As entrevistas foram realizadas no período de 06 de setembro de 2023 a 02 de outubro de 2023 de forma presencial, em ocasião que a pesquisadora foi ao encontro das entrevistadas, em horário e local previamente agendados que melhor se adequavam à disponibilidade das professoras. As entrevistas foram gravadas, em seguida transcritas na íntegra.

A análise foi realizada à luz do MHD, os textos das entrevistas foram organizados em uma tabela no word, agrupadas de acordo as perguntas e composta por três colunas: nome da entrevistada, resposta e inferências apoiadas na aplicação do método.

Vale aqui ressaltar que foram atribuídos nomes fictícios às entrevistadas visando preservar a identidade das professoras. Adotou-se como pseudônimos nomes de professoras (in memoriam) do município de Cândido Sales e que como forma de homenagem dão nome a algumas escolas da educação infantil do município. São elas: Julia, Dáurea, Zilda, Margarida e Iracy.

## **PERFIL DAS PROFESSORAS: DA APARÊNCIA À ESSÊNCIA**

---

Traçar o perfil das professoras se faz importante, uma vez que aqui se propõe verificar as características que compõem esses sujeitos para além do aparente, mas observar a essência desse perfil. Para tanto, considerou-se os seguintes dados: idade, regime de trabalho, tempo de serviço, estado civil, cor/raça, filhos, grau de escolaridade, formação, idade dos alunos, carga horária, renda e participação na renda familiar.

No que diz respeito à idade das professoras, nota-se que das cinco entrevistadas todas possuem idade superior a 40 anos. Três delas possuem idade entre 40 e 50 anos, sendo Iracy, 42 anos; Julia, 44 anos; e Margarida, 49 anos. Uma possui idade acima de 50 anos, Dáurea, 56 anos, e ainda uma outra possui idade acima de 60 anos, Zilda, 62 anos. Esses dados estão de acordo com a faixa etária dos/as professores/as identificados/as no estudo de Prado et al., (2017) ao estabelecerem o perfil de professores/as da Educação Infantil de Guanambi-BA. A pesquisa também evidenciou uma quantidade expressiva de professores na faixa etária entre 40 e 50 anos, o que caracteriza um quadro maduro de profissionais. Os autores relacionam o perfil maduro dos sujeitos à demora dos municípios em realizar concurso público (Prado et al., 2017). No caso de Cândido Sales-BA, as entrevistadas são oriundas dos concursos de 1995 e 2002, ou seja, possuem mais de 20 anos de concurso.

Tendo em vista a demora para realizar concurso público docente no município e os sujeitos da pesquisa serem especificamente aquelas que possuem regime de trabalho efetivo/estatutário, todas as entrevistadas possuem mais de 20 anos de carreira. Júlia, Margarida e Iracy possuem 21 anos de serviço, e são concursadas desde 2002, assim, têm o mesmo tempo de carreira e de concurso. Dáurea e Zilda, possuem 32 e 35 anos de carreira respectivamente e são concursadas desde 1995, ou seja, fazem parte do quadro efetivo há 28 anos.

Os dados sobre o tempo de carreira das professoras foram observados com base nas fases da carreira de acordo com Huberman (2000). O ciclo de vida profissional é constituído por cinco fases. A primeira corresponde aos três primeiros anos e trata do período de entrada na carreira; a segunda versa sobre a estabilização e acontece entre o 4º e o 6º ano de carreira; a terceira caracteriza-se pela diversificação e vai do 7º ao 25º ano de carreira; a quarta é a serenidade que abrange do 25º ao 35º ano de carreira; e a quinta é caracterizada pelo desinvestimento, e vai do 35º ao 40º ano de carreira ou aposentadoria (Huberman, 2000).

As professoras que possuem 21 anos de serviço se encaixam na fase 3 de diversificação, que compreende em média profissionais que estão entre o 7º e o 25º ano de trabalho. “Os professores nessa fase seriam os mais motivados, os mais dinâmicos, os mais empenhados nas equipes pedagógicas ou nas comissões de reforma que surgem em várias escolas[...]” (Huberman, 2000, p. 42). Já as professoras com 32 e 35 anos de trabalho se encaixam na fase 4 de Serenidade e distanciamento afetivo. Essa fase vai do 25º ao 35º ano de tempo de serviço e se caracteriza por professores que “[...] evocam uma “grande serenidade” em situação de sala de aula [...]. Apresentam-se menos sensíveis, ou menos vulneráveis, à avaliação dos outros, quer se trate do diretor, dos colegas ou dos alunos” (Huberman, 2000, p. 44). Os dados a respeito da idade, regime de trabalho, tempo de serviço e fase da carreira são apresentados na tabela 1 a seguir.

**Tabela 1.** Idade, tempo de serviço e fase da carreira

Entrevistadas	Regime de Trabalho	Idade	Tempo de Serviço	Fase da Carreira
Iracy	Efetivo/Estatutário	42	21	Fase 3 Diversificação e Experimentação
Júlia	Efetivo/Estatutário	44	21	
Margarida	Efetivo/Estatutário	49	21	
Dáurea	Efetivo/Estatutário	56	32	Fase 4 Serenidade e Distanciamento
Zilda	Efetivo/Estatutário	62	35	

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Em relação à cor/raça, dentre as entrevistadas a maioria se denomina preta ou parda e uma, indígena, de forma que entre os sujeitos da pesquisa não havia nenhuma professora branca. Quanto ao estado civil das professoras, três são casadas, uma é separada e uma é viúva. Todas possuem filhos. Julia, Dáurea e Margarida têm dois filhos/as cada, e todos já são maiores de 18 anos. Zilda tem três filhos e também são maiores de 18 anos. Iracy, três filhos, todos menores de 18 anos. O quadro quatro a seguir apresenta esses dados.

**Tabela 2.** Grupo Familiar

Entrevistadas	Estado Civil	Filhos	Idade dos Filhos
Júlia	Casada	2	Maiores de 18 anos
Dáurea	Casada	2	Maiores de 18 anos
Margarida	Separada	2	Maiores de 18 anos
Iracy	Casada	3	Menores de 18 anos
Zilda	Viúva	3	Maiores de 18 anos

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

É possível observar com base nos dados apresentados nos quadros 3 e 4 que a professora Iracy é a mais jovem dentre as entrevistadas e apenas ela tem filhos ainda menores de idade. Nesse sentido, ao serem perguntadas como faziam para conciliar a vida profissional e

a pessoal, a professora Iracy foi a que relatou maior dificuldade em conciliar, visto que com crianças as demandas do ambiente familiar são maiores, como relata a professora:

A responsabilidade principalmente de nós que somos mulheres é muita né. **Quem vai na escola geralmente são as mães, quem vê o dever de casa é as mães, quem cuida da alimentação é as mães, então é difícil, a gente tenta fazer o melhor né, mas é difícil conciliar uma coisa com outra.** Às vezes você está trabalhando lá, aconteceu alguma coisa na escola de seu filho aí te ligam, aí você tem que as vezes sair, pedir alguém para ficar com as crianças até você voltar para resolver, é complicado (Iracy, grifo nosso).

Apesar das demais professoras não possuírem as demandas com filhos pequenos como Iracy, elas relatam serem responsáveis pelos afazeres domésticos e tentam conciliar com o trabalho na escola.

É assim, não é fácil é igual eu te falei, porque a escola ela acaba consumindo muita energia e aí quando você chega em casa você já chega já bem cansada.

Mas dá para a gente dividir e dar um pouco de atenção tanto em casa, tanto na escola (Dáurea).

Nota-se que as professoras enfrentam uma dupla jornada de trabalho, visto que desempenham o trabalho de professoras e são responsáveis pelo trabalho doméstico, aspecto que torna a jornada de trabalho exaustiva. Dentre as entrevistadas, duas possuem a carga horária de 20 horas e três trabalham em regime de 40 horas semanais. No entanto, elas apontam que trabalham bem mais do que isso. Júlia afirma que:

Na verdade, nossa carga horária é de 20 horas né, mas geralmente a gente leva alguma coisa para casa porque tem que fazer o trabalho. Preparar aula a gente prepara em casa [...].

A professora Zilda também afirma trabalhar horas a mais.

20 horas. Lá eles falam que são vinte horas e mais cinco em casa né, então eles falam que é mais cinco, mas é mais. Principalmente agora com essa plataforma que você faz tudo de casa. É tudo né, cuidar de casa, lavar roupa e ainda as atividades que vem da escola né (Zilda).

Dentre as professoras que trabalham 40 horas também fica claro que executam horas a mais de serviço. A professora Dáurea apresenta que a carga de trabalho dos/as professores/as é um dos motivos de desistência de alguns/mas da profissão.

**Olha, eu acho que muitas vezes as pessoas acabam desistindo do magistério, da pedagogia, de ser professor, justamente é esse trabalho extra.** Porque é muito trabalho, assim porque se você quer ser criativo, quer ter uma aula boa, você tem que ter esse trabalho em casa, aí você acaba trabalhando 40, 60 horas. [...] a gente divide um pouco, porque em casa a gente tem que fazer muitas coisas né, e aí a gente acaba trabalhando mais a divisão mesmo, dividindo o tempo, tirando o tempo para a família, tirando o tempo para os amigos, tirando um pouquinho para a igreja, mas assim, a maior parte é a escola porque quando você não está na sala você está em busca de qualquer coisa para trabalhar na sala de aula (Dáurea, grifo nosso).

A professora Margarida diz que muitas vezes é preciso utilizar os finais de semana para conseguir conciliar os trabalhos da escola com os domésticos, comprometendo assim os períodos de descanso. *“40 horas. A gente nunca deixa de levar né trabalho para casa. Eu levo. E*

*o serviço de casa é mais a noite e nos finais de semana” (Margarida). A professora Iracy corrobora ao afirmar que são extensas a jornada de trabalho em casa, nas palavras dela:*

40 horas. O que leva para casa se for contar minha fia. Nós temos cadernos... educação infantil exige muito, nós temos que preparar coisas, cartazes, as atividades... 40 é só lá na sala de aula né... em casa pelo menos umas 2 horas por dia (Iracy).

Com base nas falas das professoras, evidencia-se a sobrecarga de trabalho. A esse respeito, Hipolyto (2020) cita que apesar de um dos aspectos que atribui o trabalho docente às mulheres é a possibilidade de trabalhar em apenas um dos turnos e assim continuar desempenhando as atividades de cuidados familiares, na atualidade essa não é uma realidade da maioria das professoras, visto que grande parte trabalha mais de 40 horas semanais. Constata-se então uma contradição, porque embora não exista condições para as mulheres conciliarem os serviços, essas continuam sendo cobradas e muitas vezes abdicam seu próprio cuidado para dar conta do espaço público e privado.

Outra contradição se dá em relação aos salários percebidos pelas professoras, pois esses são precários, dentre as cinco entrevistadas apenas uma recebe acima de 4 salários mínimos, a professora Dáurea; duas recebem entre 2 e 3 salários mínimos, às professoras Júlia e Zilda; e duas recebem entre 1 e 2 salários mínimos, às professoras Margarida e Iracy. Nota-se que o município não está cumprindo de forma integral o pagamento do Piso Salarial Nacional dos Profissionais do Magistério Público da Educação Básica (PSPN), estabelecido pela Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008, visto que as professoras Margarida e Iracy que trabalham em regime de 40 horas semanais não recebem o piso salarial. Infere-se que a não adequação ao PSPN está ligada a não atualização do Plano de Carreira do Magistério Público do Município, após a instituição da referida lei, uma vez que o Plano de Carreira do município data de 23 de novembro de 2001.

Corroborando, Locatelli e Vieira (2019) apresentam que alguns motivos que levam a baixa remuneração estão relacionados com a possibilidade dos municípios de realizarem concursos públicos exigindo apenas o ensino médio e a flexibilização da carga horária semanal, que leva ao pagamento proporcional, não atendendo ao piso salarial. Silva, Brito e Nunes (2023) também destacam as condições de trabalho de professores e relaciona esse tema ao debate acerca da saúde de professores, destacando, ainda, aspectos como formação, intensificação do trabalho como causas sobrecarga e adoecimento destes profissionais.

A baixa remuneração salarial da classe docente é uma realidade desde o processo de expansão da educação no país, apesar das mudanças no campo da educação, ainda há muito o que se avançar no que diz respeito à remuneração. A esse respeito Pinto (2009) apresenta que os professores recebem menos que outros profissionais com formação equivalente. Segundo o autor, o que leva a essa diminuição salarial é o fato do maior empregador ser o poder público e a remuneração está ligada a receita pública, além do desprestígio da profissão.

Dametto e Esquinsani (2015) cita que a expansão das escolas necessitava acontecer de forma rápida e barata. O magistério passou assim a ser um campo desinteressante para os homens ao tempo que se torna um espaço propício para as mulheres, já que a renda da mulher na família na maioria dos casos se dava de forma secundária, assim os baixos salários não seria um problema (Hypolito, 2020).

Ademais, os baixos salários também contribuíram para o ingresso das mulheres na docência, já que o papel delas na renda familiar era apenas de caráter complementar, e assim podiam perceber baixas remunerações (Hipolyto, 2020). No entanto, os dados da pesquisa demonstram o contrário, todas as entrevistadas participam em 50% ou mais na renda familiar. A professora Iracy é responsável por 50% da renda familiar, as professoras Júlia e Dáurea contribuem com 60% da renda familiar, e em alguns casos chega a 100% para aquelas que são chefes de família, como é o caso das professoras Zilda e Margarida.

No tocante ao grau de escolaridade das professoras, todas possuem nível superior completo em cursos de licenciatura plena. No entanto, quando do ingresso na carreira docente possuíam apenas o curso a nível de magistério. A realização de curso superior se deu não por vontade própria das professoras, mas para atender as condições estabelecidas pelo sistema, visto que a LDB prevê em seu artigo 62 que,

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (Brasil, 1996).

De acordo com Andrade (2018), o artigo 62º apresenta dubiedade em sua interpretação, pois, apesar de afirmar a necessidade de curso superior para os/as professores/as, a segunda parte abre uma exceção para a educação infantil, aspecto que gera divergências na interpretação. Conquanto os sujeitos dessa pesquisa se tratar de professoras da educação infantil, todas possuem ensino superior, e em sua maioria realizaram a formação de forma emergencial, o que segundo Andrade (2018) se trata do aligeiramento em busca da formação superior, sobretudo pelo receio dos/das professores/as de perderem o direito de lecionar. Tal aspecto pode ser observado nas falas das professoras.

**A exigência do sistema**, porque primeiro o magistério valia tudo né, quem tinha magistério era a pessoa e tal. Ai depois vai desenvolvendo vai tendo outras oportunidades e veio a oportunidade para Cândido Sales, biologia, história e geografia, aí eu me identifiquei mais com biologia (Dáurea, grifo nosso).

Quando eu fiz a licenciatura mesmo foi assim: quem não fizer vai limpar chão. **Todo mundo tem que ser graduado, quem não tiver uma graduação vai voltar e limpar chão.** Então todo mundo teve que estudar. Às vezes nem era porque você queria, era mais por ameaça mesmo (Zilda, grifo nosso).

Então foi aquela época que veio que se o professor não tivesse curso superior seria afastado, né. **Aí tinha que fazer ou fazer. Aí eu fiz mesmo na época devido isso aí para eu não perder meu concurso** (Margarida, grifo nosso).

As falas das professoras evidenciam características apresentadas no trabalho de Andrade (2018), em que a formação aligeirada dos professores/as serve para atender aos interesses do capital, com a expansão de instituições privadas para formação de professores/as e o aumento do índice de formação dos profissionais, não necessariamente pensando na valorização e na melhoria da qualidade de ensino.

Nesse sentido, a escolha pelo curso de graduação das entrevistadas se deu a partir das opções disponíveis no município na época, sendo elas: biologia, história e geografia. As professoras então escolhiam a área que mais se identificavam dentre as três possibilidades. Assim, das entrevistadas, três professoras são licenciadas em biologia, uma em história e uma em pedagogia. Essa última foi a única que optou por vontade própria cursar o ensino superior em pedagogia. Nas palavras da professora Iracy: “Pedagogia eu fiz por desejo próprio. Como eu já estava na profissão, já tinha feito magistério e gostava, eu fiz pedagogia” (Iracy).

Ainda em relação à formação, a meta 16 do PNE prevê:

Formar, em nível de pós-graduação, 50% (cinquenta por cento) dos professores da educação básica, até o último ano de vigência deste PNE, e garantir a todos (as) os (as) profissionais da educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino (Brasil, 2014).

No entanto, essa meta encontra-se ainda um pouco distante da realidade encontrada neste estudo. Das entrevistadas, apenas duas professoras possuem pós-graduação: a professora Julia, pós-graduada em Educação Ambiental, e a professora Zilda, pós-graduada em Gestão Educacional e Educação Infantil. Esse quadro conflui com o encontrado na pesquisa de Silva, 2019, a qual mostrou um cenário em que os avanços em relação à formação de pós-graduação dos professores ainda são incipientes.

Esse aspecto leva a inferir que não há incentivo do município para a formação continuada dos/as professores/as em nível de pós-graduação. Ademais, Oliveira e Maués (2012), apresentam que na maioria das vezes a procura do curso de pós-graduação se dá apenas com o objetivo de possuir progressão na carreira e não de aprofundamento de estudos para a prática docente. Nesse sentido, quando o incentivo na carreira não é atrativo e não existe o apoio dos órgãos gestores, os/as professores/as não se sentem motivados/as a realizarem a qualificação. Tal aspecto pode ser observado na fala da professora Júlia:

Do município tem não, a gente faz assim, tira do próprio bolso e paga. É porque assim, os cursos que eles trazem não é curso assim que te dá... dá um certificado, uma carga horaria, mas se você quer aumentar um pouquinho a sua renda você tem que fazer uma pós do seu bolso, aí você recebe sei lá, 2% em cima daquele salário (JÚLIA).

Diante do exposto, é possível observar que para além do aparente o perfil das professoras aqui estudadas reflete contradições e luta de interesses que permeiam o dia a dia das professoras, a qualidade do serviço prestado e a valorização profissional. Em síntese, o perfil das professoras é composto por: mulheres acima de 40 anos, que possuem mais de 20 anos de carreira, predominantemente pretas e pardas, casadas e com filhos, que trabalham mais de 40 horas semanais, possuem ensino superior completo, são responsáveis pelos afazeres domésticos e contribuem com 50% ou mais na renda familiar.

## **CONCLUSÃO**

---

Os resultados da pesquisa revelaram que apesar dos progressos na educação infantil, ainda há muito o que avançar nesse campo. O perfil das professoras que compõem essa pesquisa trata de docentes mulheres, que compõem o quadro efetivo/estatutário municipal de Cândido Sales e atuam na educação infantil no âmbito da Escola e Creche municipal localizada na sede do município.

Possuem idade acima de 40 anos, aspecto que caracteriza um quadro maduro de profissionais, que estão nas fases três e quatro da carreira, diversificação e serenidade respectivamente, segundo Hubermam (2002). Possuem nível superior completo, no entanto, apenas duas com pós-graduação. São mulheres que se caracterizam enquanto pretas e pardas, em sua maioria casadas, com filhos, atuantes em um regime de trabalho de 40 horas semanais, com média salarial de 2,5 salários mínimos e responsáveis por 50% ou mais da renda familiar.

O perfil das professoras revelou que elas enfrentam uma dupla jornada e uma sobrecarga de trabalho, visto que além do trabalho de professoras realizado na Escola e Creche, levam trabalhos para casa e também são responsáveis pelo trabalho doméstico. No caso da professora com filhos pequenos, a conciliação das tarefas se torna ainda mais desafiadora.

Os dados demonstram que o município não cumpre de forma integral o pagamento do piso salarial e não incentiva as professoras a realizarem formação continuada, ou seja, a educação infantil no município ainda é vista como forma de cuidado assistencial que não necessita de formação específica.

**AGRADECIMENTOS:** Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Didática, Formação e Trabalho Docente (DIFORT/UESB), e ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB).

**CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES:** Kelliane de Jesus Nascimento: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, aprovação final da versão a ser publicada. Claudio Pinto Nunes: revisão crítica de conteúdo intelectual importante, aprovação final da versão a ser publicada. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

**CONFLITOS DE INTERESSE:** Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

## REFERÊNCIAS

---

Andrade, S. S. (2018). Políticas para formação de professores: os impactos do PARFOR na formação, na existência individual e no trabalho docente. (Dissertação de Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia

Brasil. (2023). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo Escolar da Educação Básica 2022: Resumo Técnico. Brasília.

Camelô, T. M. C., Marques, T. D. L. & Gomes, W. R. (2015). Participação Feminina no Mercado de Trabalho: Quais barreiras e dilemas ainda bloqueiam esse caminho? In: Anais 5º Encontro De Gestão de Pessoas e Relação de Trabalho, Salvador, Bahia.

Dametto, J. & Esquinsani, R. S. S. (2015). Mãe, mulher... professora! questões de gênero e trabalho docente na agenda educacional contemporânea. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, 37(2), 149-155. <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v37i2.27127>

Gerhardt, T. E., Ramos, I. C. A., Riquinho, D. L. & Santos, D. L. (2009). Estrutura do Projeto de Pesquisa. In: GERHARDT, T. E., SILVEIRA, D. T. (org.). Métodos de Pesquisa. (1. Ed), Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Huberman, M. (2000). O ciclo de vida profissional dos professores. In: Nóvoa, A. (Org.), Vidas de professores. (2. ed., p. 31-61). Porto: Porto.

Hypolito, A. M. (2020). Trabalho docente, classe social e relações de gênero. São Leopoldo: Oikos.

Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro De 1996. (1996). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm).

Locatelli, A. S. & Vieira, L. F. (2019). Condições de trabalho na Educação Infantil no Brasil: os desafios da profissionalização e da valorização docente. *Educar em Revista*. 35(78), 263-281. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.69545>

Oliveira, J. F. & Maués, O. C. (2012) A formação docente no Brasil: cenários de mudança, políticas e processos em debate. In: Oliveira, D. A. & Vieira, L. F. (org.), Trabalho na educação básica: a condição docente em sete estados brasileiros. (1. Ed) Belo Horizonte: Fino Traço.

Prado, J. R., Brito, R. S. & Nunes, C. P. (2017). Perfil Dos Professores da Educação Infantil na Rede Municipal de Guanambi – Ba. In: Anais do 38ª Reunião Nacional Da Anped, São Luís, MA.

Pinto, J. M. R. (2009). Remuneração adequada do professor: desafio à educação brasileira. *Revista Retratos da Escola*, 3(4), 51-67. <https://doi.org/10.22420/rde.v3i4.101>

Silva, D. O. V. (2019). Valorização Docente no Território de Identidade do Sudoeste Baiano: o instituído e o praticado. (Dissertação de Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista - BA

Silva, D. O. V., Brito, V. L. F., & Nunes, C. P. (2023). Condições de trabalho e saúde de docentes municipais no sudoeste da Bahia. *Revista Educação em Páginas*, 2(2), e12222. <https://doi.org/10.22481/redupa.v2.12222>

Yannoulas, S. C. (2013). *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Editorial Abaré.

**Recebido:** 3 de outubro de 2023 | **Aceito:** 28 de novembro de 2023 | **Publicado:** 30 de dezembro de 2023



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.